

Luci  
Jte 28/02

"A VISITA DO PRESIDENCIÁVEL"

OU

"OS MORCEGOS ESTÃO COMENDO OS ABACATES MADUROS"

autores: Eliana Quartiero

Beatriz Britto

Paulo Flores

Gilmar Hermes



"A Visita do Presidenciável ou Os Morcegos estão comendo os abacates maduros"

Textos adaptados de Luiz Francisco Rebello, Lewis Carroll e Roberto Drumont.

A CENA REPRESENTA UMA CASA MISERÁVEL, NUM PRÉDIO VELHO QUE AMEAÇA RUÍNA. ATRAVÉS DAS PAREDES ESBURACADAS E DO TETO DESTELHADO VÊ-SE O EXTERIOR. ALGUNS DOS VIDROS DA JANELA ESTÃO PARTIDOS; OUTROS FORAM SUBSTITUÍDOS POR PEDAÇOS DE CARTÃO E JORNAL. UMA PORTA DESENGONÇADA. MOBILIÁRIO CONDIZENTE: TÁBUAS E CAIXOTES FAZEM AS VEZES DE CADEIRAS, MESSAS E CAMA. UM ARMÁRIO DESMANTELADO, CUJAS PORTAS SE MANTÊM FECHADAS POR GROSSAS CADEIAS DE FERRO.

PELOS BURACOS DO TETO A CHUVA CAI EM ABUNDÂNCIA.





1a.CENA


- ELE e ELA - Gás...Gastou-se...Frio...Filho...Máquinas...Grana...Não  
há saída...Noite...
- ELA - A vontade de quebrar a louça da casa.  
Frio. Noite.
- ELE - O sol se arrependeu de nascer.
- ELA - Escuro. Escritório. Frio. O barulho das máquinas. Sonhei  
na noite...
- ELE - Sonhos.
- ELA - Grito. Aflito. Dele. Dentro. Desesperadamente.
- ELE - Imaginação tua.
- ELA - Grito. Aflito. Dele. Dentro. Desesperadamente. Dentro da  
noite.
- ELE - Isso ou o escuro. O silêncio. "As perguntas correndo a-  
trás das respostas como num carrossel."
- ELA - Faltam dois meses.
- ELE - Dois dias.
- ELA - Dois meses.
- ELE - Despejados pela janela.
- ELA - Despejado de dentro de mim. Dois meses. Dois dias.
- ELE - Para o fim do mês. O aluguel.
- ELA - A vida inteira.
- ELE - Psiu!
- ELA - A culpa. O Fundo.
- ELE - A culpa não é tua. Minha não é. A culpa é de alguma coisa  
maior que nos empurra os dois para o fundo do precipício.
- ELA - Dois dias. Dois meses.
- ELE - Precipício propício.
- ELA - Braços caídos. Olhos no chão. Teus olhos caídos. Braços no  
chão.
- ELE - Silêncio teu. Terem magoam as tuas palavras.
- ELE e ELA - As palavras inúteis. Os gestos fúteis. Passos inúteis. Ho-  
ras fúteis.
- ELE - A espera.
- ELA - A esfera. A fera.
- ELE - Tarde demais.
- ELA - "Quando era tempo não quisestes. Agora." Mas era um crime  
Matilde.
- ELE - Lei. Lei. Lei. Lei. Lei.
- ELA - A vida. O direito à morte. As portas na cara. Todas. Já  
foi condenado. Amordaçado. Arame farpado. Antes de nascer.




- ELE - Eu te prometi a felicidade. A feliz cidade
- ELA - A grana. A gana. A grana devora tudo.
- ELE - Tu acreditava na vida.
- ELA - A vida me traiu.
- ELE - No amor.
- ELA - O amor acabou-se. O que era doce. Quem comeu regalou-se. A luta cega de todas as horas. Todos os dias o choque inútil.
- ELE e ELA - O salário. O horário. O escritório. As máquinas destro em tudo que seja vida.
- ELA - As máquinas são metralhadoras. Tá-tá-tá-tá.
- ELE - Sem dó. Nem piedade. A vida pisou nós dois. Rasgou o amor em pedaços. Esse que não nasceu já foi esmagado. Dias melhores virão. Tudo vai endireitar.
- ELA - Tudo vai melhorar. Tudo vai dar certo.
- ELE - Até lá vou conseguir um emprego.
- ELA - Até lá as horas perdidas na sala de espera. As filas na sala de espera. E sempre um não. Um não enorme. Pelas esquinas na cidade gritado. Espalhado pelos telhados da cidade.
- ELE e ELA - Não há saída. Canais interceptados. Tarde demais. Todos os dias nos jornais. Ninguém lê. Ninguém repara. As notícias diárias. O operário do quinto andar caiu. Na via pública. Por engano. O homem bebeu o veneno por engano. O veneno bebeu o homem por engano. O gás ficou aberto a noite inteira. Por engano.
- ELA - Tutumarambã não venha mais cá. Que a mãe do menino te manda matar. (canta a canção de ninar)



2a. CENA

- 
- VELHA - Grande subida de temperatura, céu limpo e sem nuvens. O rádio anunciou esta manhã.
- VELHO - É natural. Dizem todos os dias a mesma coisa. Só assim con seguem acertar algumas vezes.
- VELHA - Achas que também chove lá fora? Ou é só aqui dentro?
- VELHO - Como tu queres que eu saiba? Ainda hoje não saí à rua...
- VELHA - Meus laços ainda não secaram. Eu acho que no ano passado também foi assim.
- VELHO - Ano passado, o ano passado... Sabe-se lá, depois de tudo que nos tem acontecido, quando foi o ano passado...
- VELHA - Foi... deixa ver. Pelas minhas contas deve ter sido há... dezessete... não, dezoito ou vinte meses.
- VELHO - Ou vinte e quatro ou trinta e cinco, ou cinquenta e nove - tanto faz. Que importancia tem isso agora? É a chuva que está a cair neste momento que me faz ter frio, não é a do ano passado.
- VELHA - Bife mal passado. O general só comia bife mal passado.
- VELHO - Lá vem tu outra vez com as tuas coisas.
- VELHA - Antes só chovia no inverno... Lembra?
- VELHO - Antes, que queres dizer com antes?
- VELHA - Antes, ~~em~~ antes. O rosto rosado dos dezoito anos, o batom vermelho...
- VELHO - Antes eu era respeitado. As pessoas tiravam-me as perucas na rua, curvavam-me os umbigos, tratavam-me por vossa exce<sup>l</sup>ência... Na hierarquia social ocupava um dos cargos mais altos da pirâmide social, da estrutura social, do edifício social, da montanha social...
- VELHA - O elevador social...
- VELHO - Funcionário público!
- VELHA - As outras mulheres invejavam-me... Era uma honra, nesse tempo, ser esposa de um funcionário público.
- VELHO - Uma honra concedida a raros apenas. Por isso tínhamos de acumular as funções e dividi-las pelos vários dias da semana. Eu, por exemplo, era almirante às segundas e quintas-feiras, general às terças e sextas, diretor geral às quartas e aos sábados e aos domingos para descansar... acadêmico!
- VELHA - Acadêmico... Parece-me que estou te vendo... sentado na cabeceira da mesa... os discursos... os sapatos brilhantes... Ficava tão bem a farda!
- VELHO - Dava-me um ar garboso... viril... talvez mais do que as outras.

- 
- VELHA - Mas entre todas eu preferia a de diretor-geral. Era a que trazias vestida quando nos conhecemos.
- VELHO - Não era.
- VELHA - Era.
- VELHO - Não era. Nós conhecemos a uma terça-feira e eu só vestia a farda de diretor-geral às quartas e aos sábados...
- VELHA - Terça-feira era dia de pastelão, tres ovos, uma pitada de sal...
- VELHO - As terças-feiras... Eu cavalgava o meu cavalo...branco... puro sangue ingles, veloz, fiel, de pelo brilhante...
- VELHA - Parecia um artista de cinema...
- VELHO - O meu cavalo ficou manco...
- VELHA - Ele adorava cubinhos de açúcar...
- VELHO - Ele foi perdendo os dentes, pouco a pouco, este, este, este.
- VELHA - Parece que não foi só o cavalo.
- VELHO - Tudo isso foi a muito tempo. Para que estamos a falar destas coisas.
- VELHA - Foi tu que começastes, não fui eu.
- VELHO - Foi tu.
- VELHA - Não fui-
- VELHO - Foi. A propósito da chuva que caia no inverno e agora cai no verão também.

### 3a. CENA

POGO, O SER INTERPLANETÁRIO, COLHE AS ALFACES QUE NASCEM NO QUEPE DO GENERAL.

### 4a. CENA

- ALICE - A gorda. A professora gorda com os seus óculos de aro. O que eu mais gostava era colocar minhas duas mãos bem no meio das pernas e ficar esfregando, esfregando, tão bom... "como a aurora precursora do farol da divindade..." a guria do meu lado dizia que eu tava doente. "foi o vinte de setembro o precursor da liberdade", as duas mãos descendo lentamente... "mostremos valor constância nesta ímpia e injusta guerra..." um dia ela chegou pra professora e disse que eu vivia me coçando. A professora ficou muito preocupada e chamou o pai e a mãe. A família correu pra farmácia e comprou uma pomada esquisita. Não me falaram nada, me deitaram na cama, tiraram minha roupa... "sirvam nossas façanhas de modelo a toda terra..." passaram aquela coi



sa melequenta, eu chorava sem entender nada. Só aí é que eu me fraguei que prá sentir prazer só com todo mundo dor<sup>do</sup> mindo, o lençol puxado até o pescoço, a luz apagada, bem quietinha, a respiração trancada. O lençol puxado até o peçoço... "para assombro dos tiranos sejamos gregos na glória e na virtude romanos"... na aula a professora proibiu a gente de cantar a estrofe que falava dos tiranos... Não foram muito longe até avistarem a Falsa Tartaruga a certa distância. Ela estava sentada, triste e solitária, na saliência de uma pequena pedra, e ao se aproximarem Alice pode ouvi-la suspirar como se tivesse o coração partido. Apiedou-se profundamente. - Por que ela está tão triste? - perguntou ao Grifo, e este respondeu, quase com as mesmas palavras que dissera antes: - É tudo fantasia dela, você sabe: não tem motivo nenhum pra ficar triste. Vamos!



5a. CENA

POLICIAL - É mentira, senhor presidente. É mentira, senhores juizes. Juro! Eu nunca... Eu nunca fiz mal a ninguém. Desde pequeno ;; As moscas, por exemplo. Eles as agarravam, punham-lhes rabos de papel, elas caíam com o peso. Os outros guris, eu não. Até mexiam comigo. Me chamavam de maricas. Eu não queria saber daquilo. Sempre fui contra a violência. Estão aí as pessoas que podem dizê-lo. Gente lá da minha cidade, que me conhece desde guri. Gente que nunca se meteu em políticas que nunca quis saber dessas coisas.

Segundo datilógrafo, senhor presidente. Serviço de expediente: cartas, relatórios, ofícios... Depois investigação, assaltos, crimes... Trabalho com gente perigosa, criminosos mesmos... Arriscando a própria vida, senhor presidente.

Torturas? Não, senhor presidente, não senhores juizes, nunca ouvi falar nisso no nosso distrito. São eles que inventam os advogados, muitos metidos em política, alguns até mesmo comunistas. Mau tratos aos presos. Tudo propaganda para eles. Saem na imprensa. O senhor sabe, agitação política. Agora eles tão como querem. Direitos humanos. Toda essa moda. Tudo política. Agitação. Não querem saber os riscos que corremos para manter a ordem. Para que a cidade não se transforme num antro de criminosos. Quantos colegas, chefes de família, perderam a vida, por causa desses maníacos, psicopatas, assassinos. Os assaltos aos bancos, pessoas assaltadas em plena luz do dia, muitas assassinadas mesmo. Isso eles não vêem. Disso eles não querem saber.

POLICIAL - Interrogatórios? Não, outros colegas que fazem esse trabalho. Eu nunca fui destacado para esse tipo de serviço. Os colegas contam muitas coisas, que talvez o senhor presidente não saiba. Alguns desses criminosos, nos interrogatórios, até se ferem de propósito, batem com a cabeça nas paredes, coisas assim... Prá depois, os advogados usam isso contra a polícia. Nos jornais senhor juiz. Desmoralizar a instituição. Jogada política.

Entrei em 70 ou 71, não me lembro bem. Eram tempos melhores, se podia trabalhar com mais tranquilidade. Não havia espaço para todo esse tipo de propaganda.

Sim, já tinha um filho. E a mulher outra vez grávida. Não podia ficar de braços cruzados, à espera de que um emprego me caísse do céu? Minha conduta foi sempre exemplar em tudo que fiz. Tenho aí testemunhas que não me deixam mentir. ENTreguei uns atestados ao meu advogado...

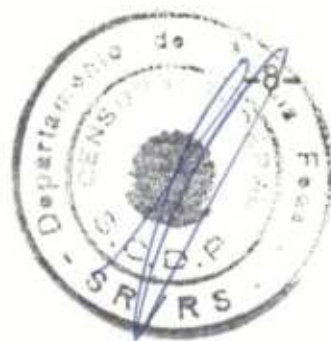
Chefes de família como eu não deve haver muitos, senhor presidente. O que todos querem é vida mansa, metido com mulheres, na boa-vida. Depois desculpam-se com o serviço, e a mulher e os filhos que se lixem. Creia senhor presidente, eu era incapaz de mentir à justiça. Sempre acreditei na justiça do meu país. Sempre a respeitei.




#### 6a. CENA

- VELHA - Tive uma idéia, por que é que não passamos a chamar o verão de inverno, e o inverno de verão? Assim voltava tudo a ser como antes.
- VELHO - E as pessoas, quando eu tornasse a sair à rua, tiravam-me outra vez o chapéu e tratavam-me por vossa excelência? Tirariam as perucas, curvariam o umbigo? E eu voltava a ser diretor-geral, nem que fosse só uma vez por semana? Às quartas, ou então aos sábados? Hã? A tua idéia é completamente idiota. Merecias que eu te mandasse dormir esta noite, de castigo, no armário.
- VELHA - Não! No armário, não.
- VELHO - Tens medo?
- VELHA - Tenho.
- VELHO - Porque é que tens medo?
- VELHA - Porque... tu bem sabes porquê.
- VELHO - Tens medo de dizer?
- VELHA - Tenho.





- VELHO - E se eu te obrigar?
- VELHA - Não obrigas.
- VELHO - Não?
- VELHA - Não. Tens tanto medo como eu.
- VELHO - Medo? Eu? Essa agora! Eu nunca tive medo de nada. Comandei exércitos, guiei esquadras pelas tempestades e bombardeei os inimigos, resolvi os mais delicados problemas diplomáticos. De que é que eu teria medo agora?
- VELHA - Medo de ouvir a resposta.
- VELHO - Não tenho.
- VELHA - Tens. O diretor-geral carregava o medo na maleta...
- VELHO - Esta língua está errada... As pessoas não entendem o que falam. As letras não estão bem colocadas... Precisamos reformular a acentuação. Esta fonética é insuportável. Precisamos no vos erres e novos esses. Os "os" não tem o formato ideal. Es ta língua não é dessa gente. Tupi-guarani quem saiba...
- VELHA - Depois ficou com medo da maleta...
- VELHO - Eu não tenho medo.
- VELHA - Há quantos anos não abres o armário?
- VELHO - Perdi a chave.
- VELHA - E antes de a perderes?
- VELHO - Não sei, não me lembro... Foi há muito tempo.
- VELHA - As tuas fardas precisavam de ser arejadas, escovadas, engoma das... Porque é nunca as tiras para fora?
- VELHO - Tirei... Ainda a semana passada. Tu é que não viste...
- VELHA - É mentira.
- VELHO - Ou o mês passado, ou o ano passado...
- VELHA - É mentira!
- VELHO - Estavas de costas, não podias ver...
- VELHA - É mentira. Não tens vergonha de mentir dessa maneira? E nunca te deu vontade de voltar a vesti-las? Hã? Pendurar outra vez ao peito as medalhas, as condecorações e os emblemas, e à cin tura tuas espadas, espadachins e espanadores? Responde. Nunca sentiste esta tentação? Nunca? E então porque é nunca abriste o armário? Se não tinhas medo, como dizes, porque é que não o abriste?
- VELHO - Eles... não deixam.
- VELHA - O que é que eles tem com isso?
- VELHO - Não é desses que eu falo. São os outros, os que estão lá dentro. Não gostam de ser incomodados.
- VELHA - Ah, tens medo deles, confessa!
- VELHO - Já não... Parece que já não chove!
- VELHA - É verdade: está parando.

- 
- VELHO - E foi assim a noite inteira. Tenho de me queixar a Vossa excelência.
- VELHA - Há vinte anos que dizes isso.
- VELHO - Não digo.
- VELHA - Dizes.
- VELHO - Não digo. Há vinte anos, quando viemos para esta casa, ainda não chovia aqui dentro.
- VELHA - Chovia, mas era só no inverno... Eles ainda não tinham comido a nossa cama. Porque os cupins não cresceram? Depois de terem comido a nossa cômoda francesa?
- VELHO - Eles comeram o meu dicionário. Letra por letra. Conceito por conceito.
- VELHA - Os meus laços. As minhas tranças...
- VELHO - Os meus horários... Agora não sei mais nada... Perdi a forma... as minhas crenças... as nossas esperanças...
- VELHA - Tudo aqui sumindo e aquele armário cada vez mais cheio.
- VELHO - Cala a bôca. Fica quieta. Fim. Acabou. Não fala mais.

#### 7a. CENA

- PAI - Silvinha...
- FILHA - Eu, pai...
- PAI - Conta o que tu tá vendo na janela do trem...
- FILHA - Tou vendo umas casas bonitas, parecem casas de chocolates, pai...
- PAI - E ninguém tá comendo elas, Silvinha?
- FILHA - Não, pai, ninguém não, tem muita fartura no Brasil, pai...
- PAI - E a fome no Brasil, Silvinha?
- FILHA - Gato comeu, pai: num tem mais fome no Brasil, não...
- PAI - Tou ouvindo uma música longe, Silvinha, como abelha zumbindo no meu ouvido...
- FILHA - É uma festa, pai...
- PAI - Festa, onde Silvinha?
- FILHA - Festa no Brasil, pai, pra comemorar a chegada da felicidade.
- PAI - E a felicidade chegou mesmo no Brasil, Silvinha?
- FILHA - É de ver, pai...
- PAI - E a felicidade é bonita, Silvinha?
- FILHA - Oxente!
- PAI - Tu falou baiano, Silvinha?
- FILHA - Garrei a ter vontade de falar baiano, pai...
- PAI - Como é a cara da felicidade, Silvinha?
- FILHA - Parece atriz de cinema, pai...





8a. CENA

POGO EM DELÍRIO, DANÇA DESESPERADAMENTE, SELVAGEMENTE COM CORENTES.

9a. CENA

POLICIAL - Animal! Pior do que animal, caralho. É isso que vocês são. Cambada de filhos-da-puta. Animal, porco de merda. Te julga muito macho, não é caralho? Mas eu acabo com esta tua valentia. Vai falar tudo caralho, querendo ou não querendo. Ainda não saiu ninguém aqui de dentro tirando sarro da nossa cara. Eu tenho aqui uns processos para te convencer, caralho! Vai continuar assim a noite inteira? Se tu és teimoso, fica sabendo que eu sou muito mais. Diz o que a gente precisa saber, e pronto caralho. Acaba com isso. Deixa de ser burro, caralho. É só questão de tempo, e tu vai cospir tudo para fora, o que tu sabes e o que tu não sabes. Quanto mais demorar, pior para ti. Responde a duas ou tres perguntinhas e eu te deixo na tua. Aonde tá os bagulhos? E quem é esse tal de Alemão, caralho? Fala, porra. Tá querendo bancar o heroi, pra quem? Tá todo mundo cagando prá ti. É prá tua china, é? Não quer passar por cagueta, é? A tua china até vai nos agradecer se nós te deixar aqui. Assim pode foder mais a vontade com todo mundo. Que é o que elas todas fazem. Um<sup>s</sup> putas, todas. Menos a minha. Acabou o meu saco, caralho. Ou coge tudo, e é já, ou começa a dança. De mim ninguém tira sarro. Põe tudo prá fora e já. Vai ver como agora cantas tudo, caralho!

10a. CENA

ALICE - Mãe! A canção do lobo, a canção do lobo bobo, tu te lembra? Nos dias de ano novo o pai ia no supermercado e comprava uma garrafa de champagne e a gente ficava esperando, esperando até que fosse meia-noite. Tu botava o teu vestido amarelo pra dar sorte. E o pai estourava a garrafa de champagne e a gente ria, e brindava e gritava Feliz Ano Novo. Depois o pai ia pro quarto, ligava a TV e dormia. Tu tirava os teus brincos de plástico, as rosas de plástico amarelo e tu ficava deprimida, mãe, e ligava o rádio, as marchinhas de carnaval tocando e aí tu já tinha saltado trinta

anos, tu era a rainha do carnaval do bloco da praia de Ipanema, tu era a rainha, tu era linda e ficava dançando, dançando feito louca. Mãe, a canção do lobo!

A morte legalizada, o circo. Eu sei que a qualquer momento o teto pode cair em cima da minha cabeça. Que sufoco. As palavras-de-ordem rabiscadas na parede. A paz em pedacinhos cor-de-rosa guardados dentro da mesinha de cabeceira. Eu sei, eu sinto que eles ficam me olhando daquele jeito.

O gosto amargo, a língua entalada nos dentes. O corpo inteiro de pé, latejando, as paredes da casa rodando, rodando a noite inteira o chiado da TV ligada, saco, a conta da luz, eu não consigo, os olhos não suportam mais a luz do dia.

A sala não tem janelas. É fria. Eu já me acostumei. São 12.600 toques por hora. 6 horas por dia. A sala não tem janelas, é fria, dois intervalos de dez minutos cada para descansar, as máquinas são sensíveis, precisam de temperatura muito baixa, eu já me acostumei, às vezes até me pego conversando com o computador.

Eu já não consigo mais sair na rua. O olhar deles, o olhar fixo deles, me seguindo sempre, acusador. Eles disfarçam fingem que nada tá acontecendo, mas eu sei, eles não tem dúvidas, eles não me enganam mais, eu sei, eles desprezam a fraqueza, eles não tem dúvidas.

Era briluz. As lesmolisas touvas. Roldavam e relviam nos gramilvos. Estavam mimsicais as pintalouvas. E os momirratos davam grilvos. Foge do Jaguadarte, o que não morre! Garra que agarra, bocarra que urra! Foge da ave Felfel, meu filho, e corre do frumioso Babassurra! Ele arrancou sua espada vorpa! E foi atrás do inimigo do Homundo. Na árvore Tamtam ele afinal parou um dia sonilundo. E enquanto estava sussustada sesta chegou o Jaguadarte, olho de fogo, sorrifilando através da floresta, e borbulia um riso louco! Um, dois, um, dois! Sua espada mavorta vai-vem, vem-vai, para trás, para diante! Cabeça fere, corta e, fera morta, eilo que volta galunfante. Pois então tu mataste o Jaguadarte! Vem aos meus braços, homenino meu! Oh dia fremular! Bravoh! Bravarte! Ele se ria jubileu. Era briluz. As lesmolisas touvas. Roldavam e relviam no gramilvos. Estavam mimsicais as pintalouvas. E os momirratos davam grilvos.







11a. CENA

- VELHO - Hoje mesmo, quando o procurador vier receber a renda, exijo-lhe que manda tapar estes buracos e que arranja o telhado, que conserte as janelas...
- VELHA - É o que tu dizes sempre.
- VELHO - Se digo é porque tenho razão.
- VELHA - Mas nunca fazes. Fica quieto assim que o procurador aparece naquela porta.
- VELHO - Bem sabes que ele tem uma pistola.
- VELHA - E tu? Não tens uma espada?
- VELHO - É verdade! A minha gloriosa espada de acadêmico - almirante - general - diretor-geral! Está no armário.
- VELHA - Vai buscá-la.
- VELHO - Perdi a chave, já te disse...
- VELHA - Manda fazer outra.
- VELHO - Hei de pensar ~~nisso~~ um dia desses quando puder sair a rua... Eu não entendo... porque fizeram isso com ele, um nobre cidadão americano. Ele fez tudo para a sua pátria. Porque o povo mais democrático do mundo trairia o seu próprio representante. Eu já tenho as passagens compradas para Nova York. Brookling, Broadway, Bronx, Times Square, Fifth Avenue... Tenho que me divertir um pouco e também ficar sabendo das coisas. Eu preciso saber porque Mahatma Gandhi dormiu com Mao Tse Tung. Porque o Xá do Irã vem passar as férias no Rio de Janeiro. Porque afinal Nixon tem um encontro marcado com Reagan em Paris... O meu passaporte caducou, preciso mandar renová-lo.
- VELHA - Sai sem o porteiro ver.
- VELHO - Não me atrevo. Eles enforcam. Cortam os pedaços dos dedos, os joelhos, os braços, as mãos. Se eles me apanhassem davam cabo de mim. Não perdoam essas coisas.
- VELHA - São terríveis.
- VELHO - É para isso que vossa Excelência lhes paga.
- VELHA - Mas quem paga vossa Excelência somos nós.

12a. CENA

- POLICIAL - Os outros? Ao certo, ao certo, o que eles faziam, não sei.

Mas não acredito na maior parte das coisas que dizem por aí. Cumpriam a lei, cumpriam ordens. Não digo que um ou outro, mais novo, mais impaciente, não se tenha exaltado. Ou então para se defender. Porque eles provocam, são provocadores. E nem todos reagem da mesma maneira. Mas eu sou assim, senhor presidente, fui sempre assim. Desde guri. Católico, temente a Deus, cumpridor dos meus deveres. Foi até o senhor bispo lá da minha cidade quem me arranjou para mim entrar. Conhecia umas pessoas, pediu a uns amigos... O meu pai tinha sido pracinha, era uma boa recomendação. Começava como datilografo, depois um pouquinho de sorte iria subindo... Tinha mulher e um filho, uma família a sustentar. Não tinha outro caminho a tomar. Casado há pouco, um filho de meses, outro já na barriga da mãe... Ia deixar eles morrerem de fome? E que mal há em seguir esta profissão? Não é uma profissão como as outras? Não somos funcionários como os outros? O Estado nos paga, o nosso dever é executar as ordens que nos dão. Nos limitamos a cumprir a lei. Mais nada. Arrisquei a minha vida e a segurança da minha família, em prol da defesa da sociedade, para agora estar nessa situação. Sendo julgado por algo que não cometi. Sempre trabalhei dentro da lei. Nunca espanquei ninguém. Todos os presos que passaram pela delegacia confessaram livremente. Sem violências ou coação de nenhuma espécie.

Torturas? Violências? Maus tratos? Esse tipo de gente sempre diz a mesma coisa. São ordens dos advogados. Estou inocente senhores juizes. Se eu fosse culpado, tinha fugido. Eu nunca tive medo dos juizes do meu país. Sempre respeitei a justiça. Cumpri sempre a lei. Tenho trabalhado na defesa dos cidadãos da minha cidade. De repente toda essa onda, como querendo por tudo abaixo. O que seria da sociedade sem a polícia para protegê-la.

Protesto senhor juiz presidente. Eu não vim aqui para ser insultado. Estou cumprindo o meu dever. O senhor advogado não tem o direito...





13a. CENA



- PAI - Silvinha.  
FILHA - Eu, pai...  
PAI - Escuta, silvinha...  
FILHA - Tou escutando, pai.  
PAI - Por conta de que que tão cantando, Silvinha?  
FILHA - Por conta que tão dividindo o Brasil, pai...  
PAI - Tão o quê, Silvinha?  
FILHA - Dividindo o Brasil, pai...  
PAI - Dividindo o Brasil com os gringos, Silvinha? Com os homens das estranhas?  
FILHA - Não, pai, com os brasileiros...  
PAI - Com os brasileiros, Silvinha?  
FILHA - E é, pai, por isso que tão cantando...  
PAI - Todo brasileiro tá ganhando um pedaço do Brasil, Silvinha?  
FILHA - Tá pai...  
PAI - Todo brasileiro mesmo, Silvinha?  
FILHA - E é, pai...  
PAI - Silvinha...  
FILHA - Faia, pai...  
PAI - Que música tão bonita é essa, Silvinha?  
FILHA - É uma que tão cantando, pai. Não param de cantar...  
PAI - Escuta, Silvinha...  
FILHA - Fala, pai...  
PAI - Tão distribuindo o Brasil todo, Silvinha?  
FILHA - Todo, pai: os rios, as cachoeiras, as borboletas, os peixes do rio, os peixes do mar...  
PAI - E a terra Silvinha, tão distribuindo a terra do Brasil também?  
SILVINHA - Tão, pai.  
PAI - E vai dar pra todo mundo, Silvinha?  
FILHA - Vai, pai. Quer mais maçã, pai? Ainda tem uma...  
PAI - Silvinha, o que que a música tá dizendo?  
FILHA - Tá dizendo uma coisa linda, pai.  
PAI - Canta, Silvinha...  
FILHA - É assim pai: Raiou ô, ô, ô/no horizonte do Brasil/a felicidade raiou/ôôô  
PAI - Silvinha...  
FILHA - Eu, pai...  
PAI - Será que eu vou poder receber a terra que me tomara, Silvinha?

FILHA - Vai, pai...

PAI - Com a casa, o rio, o gado, o córrego, a lavoura, o pasto, tudo, Silvinha?

FILHA - Tudo, pai.

PAI - Com o gado que me tomara, Silvinha?

FILHA - É, pai.

PAI - Com todas as cabeças de gado, Silvinha?

FILHA - É pai. Quando o trem chegar lá, pai, a gente vai no cartório.

PAI - E eu recebo minha terra de volta, Silvinha?

FILHA - Recebe, pai.

PAI - E os desaforos que eu engoli, eu posso devolver, Silvinha?

FILHA - Desaforo, não, pai.

PAI - E a fome que eu passei, Silvinha?

FILHA - A fome também não, pai.

PAI - E eu vou poder ter sua mãe de volta, Silvinha? Sua mãe viva de novo?

FILHA - Vai, pai.

PAI - Quem tá distribuindo o Brasil, Silvinha?

FILHA - Deus, pai.

PAI - E não vão querer prender Deus, Silvinha?

FILHA - Não, pai. Deus está armado...

PAI - Ah...

FILHA - Morde a maçã, pai...

#### 14a. CENA

OS MÉDICOS PÕEM UMA CAMISA DE FORÇA EM POGO. DEPOIS LOBOTOMIZAM POGO.

#### 15a. CENA

MALDIÇÃO - Aíde vós que ajuntais casa por casa; que acrescentais campo a campo. Até que não haja mais lugar; até ser o único proprietário do país.

#### 16a. CENA

VELHA - Quando viemos para aqui, nos primeiros tempos, era tudo tão diferente!

VELHO - Todos os dias eu saía a rua com as minhas fardas, e o porteiro perfilava-se, fazia-me a continência... Nem sequer me pedia o passaporte.

VELHA - O dono da casa deixava-nos entrar e sair quando queríamos, éramos tratados com todo o respeito e consideração







- VELHO - Respeito e consideração inteiramente devidos aos vivos e aos mortos que eu exercia.
- VELHA - Nos dias feriados tu me levavas contigo para me mostrar o teu exército, a tua esquadra, os teus funcionários embalsamados, os teus colegas da academia empalhados... Sentia-me orgulhosa de ti.
- VELHO - E eu te era fiel. Só te enganava nos anos bissextos, aproveitando o dia que tinham a mais. Ao todo, em quarenta e oito anos de casados, dez vezes.
- VELHA - Doze.
- VELHO - Dez. Depois de me reformar, nunca mais te enganei.
- VELHA - Ah! Éramos felizes, os dois!
- VELHO - Os quatro.
- VELHA - Os dois.
- VELHO - Os quatro. Ainda eram vivos, então, os nossos filhos.
- VELHA - Dois filhos. Um rapaz e uma rapariga! Um rapaz que morreu de parto, uma rapariga que morreu pela pátria!
- VELHO - Ao contrário!
- VELHA - Ao contrário? Foi a pátria que morreu por ela?
- VELHO - A rapariga é que morreu de parto. O rapaz morreu pela pátria.
- VELHA - Bolo de chocolate. Fazia mal para ele. Uma vez teve uma caga-neira, mas não chorou um pouquinho, já era um soldadinho... Comadava os soldadinhos de chumbo, ganhava todas as batalhas! Porque ele perdeu a última?
- VELHO - Essas coisas acontecem na guerra.
- VELHA - Depois nos mandaram o cadáver pelo correio. Lembra?
- VELHO - Num caixote de madeira que dizia por fora: "Encomenda registrada".
- VELHA - Como se lhes tivéssemos encomendado um filho morto!
- VELHO - No dia seguinte, para compensar, nos ofereceram, emoldurada, a certidão de óbito do soldado inimigo que matou o nosso filho.
- VELHA - E ao mesmo tempo, em casa dos pais desse ou de outro soldado inimigo, entregavam a certidão de óbito do nosso filho.
- VELHO - Para ficarmos quites - disseram eles.
- VELHA - Aquela medalhinha no peito... tapava o furo. Parecia que ele tava dormindo. Tinham prometido que ganhávamos a guerra. Mas para mim a guerra perdeu-se no momento em que o cadáver do nosso filho entrou por aquela porta...
- VELHA - E o guardamos naquele armário...
- VELHO - ...naquele armário, cada vez mais cheio. Agora vou conseguir algodão doce.

- VELHO - Deixe de bobagem, não vai conseguir nada.
- VELHA - Vem vindo uma caixinha de música... não, um piano de cauda.
- VELHO - A minha farda de almirante...
- VELHA - Os laços... os espartilhos...
- VELHO - A minha pasta de diretor-geral...
- VELHA - O meu serviço chinês de chá inglês das cinco para seis pes-soas...
- VELHO - Minhas medalhas...
- VELHA - Um passeio no parque...
- VELHO - Minha coleção completa da enciclopédia britânica...
- VELHA - As bonequinhas...
- VELHO - Um jantar na academia...
- VELHAS - Os lancinhos cor-de-rosa...
- VELHO - Os sonhos perdidos...
- VELHA - A nossa filhinha...
- VELHO - Chega, tudo isso não vai voltar!



17a. CENA

- ALICE - Ir juntando os pedaços, aos pouquinhos, descobrir a chave, a trama, a chave do jogo, aos pouquinhos, é preciso ter paciência. A vó que ia todos os domingos visitar o meu primo subversivo na ilha do presídio. O tio, que depois de ter cheirado lança-perfume no carnaval de 64, não voltou mais do São Pedro. O jornal rasgado na latrina. Ina...ina...ina. Naquele dia ele abriu a porta e trouxe uma novidade. Geralmente eu não me sentia bem quando ele chegava em casa, não, quer dizer, na real eu nunca me senti bem perto dele. Sei lá uma mistura de medo, mágoa, repulsa, sei lá. Mas naquele dia naquele dia ele trazia uma novidade. Embaixo do braço, socado dentro da pasta de couro preto, ele, o pai, vinha trazendo aquilo. Aquilo. Um exemplar do Coojornal. Um jornal que eles diziam sub-ver-si-vo! Então, ele sentou, a gente foi se achegando pra perto dele e ele começou a folhear o jornal e as manchetes foram aparecendo devagarinho, as fotos, as manchetes e tinha uma caricatura do general que era presidente bem no meio do jornal e a gente ria, eu tava me sentindo tão bem, eu tava até querendo dá um beijo nele, mas aí ele se levantou e foi pro banheiro, o jornal embaixo do braço, e pô como é que pode, ele foi partindo o jornal em pedacinhos e foi jogando todos eles prá dentro do vaso e eu disse não rasga eu quero lê, mas aí já não dava mais porque ele puxou a descarga e os pedacinhos foram sumindo, sumindo, sumindo...



Antes eu tinha certeza, a minha voz era diferente, surgia imprevista, sem que ao menos eu pudesse controlar, explodia eu não tinha dúvidas, ou tinha? Eu não sei, eu não sei o que é que falta, eu me lembro daquela passeata; as cores, as pessoas cantando, o tio Patinhas no meio da rua da Praia perseguindo os sobreviventes da guerra nuclear, o teatro na rua, as faixas coloridas, onde se lia "abaixo os militares e as usinas nucleares", e as duas ~~em~~ no meio do círculo de gente elas e a polícia dentro, e nós em volta assistindo, e eu em volta assistindo, eu vi quando jogaram o gás na cara delas, eu vi quando meteram as duas prá dentro do camburão, eu vi e não fiz nada, eu tava paralizada, louca de medo, de raiva, eu não fazia nada, eu não aguentava mais, então eu gritei como pude, eu gritei como pude: filho da puta. Filho da putas! Me botaram a mão na boca e me disseram: não provoca!

18a. CENA

POLICIAL - Lei! Que lei, caralho. Aqui a lei sou eu, entende caralho. Tu tem que falar, e vai falar. Nem que te rebente, ouviu? Até que não era nada mal. Há pouco aqui, um colega enfiou um tiro no meio da cabeça de um filho-da-puta de vocês. E depois de uma semana foi até promovido. Ou cospe tudo prá fora ou te deixo pendurado aí até amanhã. Comigo ninguém brinca, caralho. Não estou disposto a ver os outros subindo e eu sempre marcando passo. Fala, caralho!

19a. CENA

ADÃO E EVA MORDEM A MAÇÃ.

20a. CENA

VELHA - Mas nos últimos tempos tudo foi pior. Começou a chover no verão, passei a tomar o chá das cinco fora de horas, umas vezes às quatro e um quarto, outras às seis menos vinte, e perdi a conta aos meses desde que deixei de ter as minhas regras.

VELHO - Em forma, em frente, eu disse em frente! Vou arrasar com os inimigos, todos a bordo. Não me obedecem mais. Voltem aqui. Eu estou ordenando. Afundou-se a minha ~~esquadra~~. Foram derrotados os meus exércitos, as minhas fardas desbotaram...Estou morrendo!

VELHA - Ah...se pudéssemos mudar de casa e voltar outra vez ao princí-



pio.

VELHO - Perdi todos os meus títulos acadêmicos, oficiais, burocráticos, pirotécnicos, rodoviários, filosóficos, propedêuticos, pedagógicos, ecumênicos, meidúnicos, arquetônicos, quiromânticos e astronáuticos.

VELHA - Astronáuticos!

VELHO - Eu que fui tudo, hoje não sou nada!

VELHA - Astronauta, se eu tivesse uma luneta poderia ver se a lua é de queijo...

VELHO - Esta casa toda esburacada é que parece um queijo suíço.

VELHA - Queijo com goiabada.

VELHO - Um enorme queijo todo esburacado.

VELHA - Vamos sair por um buraco do queijo e comer goiabada lá fora?

VELHO - Não! Lá fora tem uma ratoeira enorme.

VELHA - Mas por que?

VELHO - Querem-nos aqui presos. Amarrados à essas paredes.

VELHA - Mas que mal lhes fizemos nós? Não lhes demos um filho? Não lhes pagamos sempre a renda? Não lhes demos estes vinte anos de nossas vidas? Que mais querem eles ainda?

VELHO - Querem a nós, a nós, entendes? Vivos ou mortos, tristes ou alegres, satisfeitos ou descontentes, mas aqui, ao alcance de suas mãos e das armas que as suas mãos empunham. Aí tens o que eles querem e é por isso que não nos deixam ir embora.

VELHA - Fugiamos de noite, sem ninguém notar... Às escondidas...

VELHO - (GRUNHINDO)

VELHA - Chega! Eu não quero, eu não quero mais comer abacates. Me fizeram mal ontem. Eu quero comer um pudim de côco. Eu quero sentir o gostinho do sol. Eu não gosto de verde. Eu quero lilás, rosa, rôxo, vermelho, amarelo. Eu quero sair daqui. Eu não me importo mais com eles.

VELHO - Eles tem espiões em toda parte, olhos que vêem tudo, ouvidos que tudo ouvem... E puseram uma vedação de arame farpado ao redor da casa...

VELHA - Vamos sair daqui e deixar esse armário...

VELHO - Cala-te!

VELHA - E do armário, sim! Deixávamos ficar aqui. E podíamos começar noutra casa uma vida nova... Lençóis limpos, roupa seca, assado no forno....

VELHO - Sem termos de arrastar atrás de nós os restos de tudo que foi morrendo ao longo desses anos... Ah! Era bom! Mas para que estamos nós a perder tempo com coisas impossíveis! Não tínhamos resolvido de uma vez para sempre enterrar os sonhos no fundo







do armário, debaixo das minhas fardas e dos cadáveres dos nobres filhos?

VELHA -Mas só nos resta sonhar. E quando acabarmos...

VELHO -~~Chaga~~, fim!

VELHA -Quando acabarmos, é a nossa vez de irmos para dentro do armário, fazer companhia às outras coisas...

VELHO -Cala a boca, não ouvés? Fica quieta! Tínhamos prometido um ao outro que não falávamos mais nisso, e afinal há mais de uma hora que não falamos de outra coisa... (Silêncio) Ah, o que esta casa era e o que ela é hoje! Tudo podre, tudo em ruínas! Ah! Mas isto acaba! Acaba ainda hoje! Quando o procurador de Vossa Excelência chegar, eu digo-lhe... ()

VELHA -Não diz nada...

VELHO -Digo.

VELHA -Não diges.

VELHO -Digo, vais ver. Nem que tenha de vestir outra vez a minha farda de almirante, de por ao peito as minhas medalhas de general, de agitar a minha heróica espada de acadêmico...

VELHA -E as calças, as calças de fantasia de diretor-geral?

VELHO -Digo. Verás se não digo. Sou, enfim, a hora da liberdade! Chegamos por fim ao fim de vinte anos de opressão e tirania! A partir de agora, o meu pra junto às coisas velhas, às coisas mortas, que apodrecem naquele armário.

VELHA -Bravo! Bravo! Muito bem!

VELHO -Silêncio! Estamos a viver um momento solene, um acontecimento histórico! Hoje, solenemente, do alto desta tribuna, deste público, deste púlpito, deste troço, revestido das mais solenes insígnias de antigo almirante, general, acadêmico e diretor geral e outros que omito, proclamo solenemente a nossa independência!

## 21a. CENA

PROCURADOR - A renda deste mês! Depressa!

VELHO - Irmãos! Do alto desta pirâmide vinte anos de cativeiro nos contemplam!

PROCURADOR - Vamos, desça daí. Não nos faça perder tempo. Temos de ir ainda receber as rendas dos outros inquilinos.

VELHO - Queremos ser li...li...li... Licenciosos! Licenciados! Lisonjeados!

PROCURADOR - Acabe logo com isso. Venha o dinheiro da renda.

1º GUARDA - Não ouviu?

2º GUARDA - Estamos com muita pressa.

VELHA - Porque é que não continuas? Estava gostando tanto de te



- OUVIR! Hã? O que? Não percebo...
- 1º GUARDA - Silêncio.
- 2º GUARDA - Silêncio.
- PROCURADOR - O futuro presidente digna-se visitar hoje, imprevistamente, o prédio. Na sua infinita, na sua magnânima bondade, o futuro presidente condescende em avistar-se com os seus futuros inquilinos, em ouvir da sua própria boca as reclamações, as queixas que tiverem a apresentar-lhe...
- 1º GUARDA - Depois de terem pago a renda.
- 2º GUARDA - Só pode queixar-se quem tiver a renda em dia.
- PROCURADOR - Efetivamente, a moral e a justiça assim o exigem: não serão consideradas as reclamações dos inquilinos que tenham rendas em atraso. Mas...
- VELHA - Vai, continua. Ias tão bem!
- 1º GUARDA - Silêncio!
- 2º GUARDA - Silêncio!
- PROCURADOR - Mas é claro que ninguém terá reclamações a fazer. Pelos relatos fidedignos e minuciosos que de hora a hora lhe são enviados, o presidenciável sabe, de certeza certa, que todos os inquilinos - todos, sem exceção - estão plenamente satisfeitos, que é para eles uma nonna terem no por presidente, pagarem-lhe a renda pontualmente e de sua livre vontade todos os meses, desfrutarem em suma dos inúmeros benefícios, dos excepcionais privilégios, que lhes advêm de habitar esta casa. De sorte que esta visita do presidenciável deverá transformar-se, ao fim e ao cabo, numa apoteose para o presidenciável, numa espontânea, entusiástica e irreprimível manifestação de aplauso e louvor ao presidenciável...
- 1º GUARDA - Viva o presidenciável!
- DOIS GUARDAS - Viva!
- PROCURADOR - ...e que será tanto mais grata ao seu coração quanto inesperada, absolutamente, rigorosamente inesperada... o presidenciável de nada sabe, de nada suspeita... Porque, se soubesse, se desconfiasse ao de leve sequer, a sua extrema e bem conhecida modéstia impedi-lo-ia de aceitar tão justa homenagem.
- DOIS GUARDAS - Muito bem, muito bem!
- VELHA - O que é que ele está dizendo?
- VELHO - Não é nada. Me deixa em paz.
- VELHA - Porque é que não me explicas?



- VELHO - São coisas que tu não entendes. Questões de alta política, alta finança... alta, alta... alta equitação...
- VELHA - E tu? Não lhes dizes nada?
- PROCURADOR - Não há nada que dizer. Há só que pagar a renda. E quanto antes.
- 1ª GUARDA - Depressa, não ouviram?
- 2ª GUARDA - Depressa, depressa!
- VELHA - Então não me tinhas dito que era hoje?
- PROCURADOR - Que era hoje o que?
- VELHO - Nada, nada....
- VELHA - Disseste.
- VELHO - Não disse.
- VELHA - Disseste. Disseste que era hoje.
- PROCURADOR - Mas era hoje o que?
- VELHO - Não faça caso. A minha mulher, coitada, está velha, confunde tudo... Já não sabe o que diz...
- VELHA - Talvez não saiba o que digo, mas sei muito bem o que ouvi.
- PROCURADOR - E o que foi que ouviu?
- VELHO - Não ouviu nada, não podia ter ouvido nada... Está surda, completamente surda... Levei-a já a vários especialistas, mas todos dizem que é incurável... Absolutamente incurável! Coitada, é da idade... Hei-de ter por aí os atestados...
- PROCURADOR - Oh homem, largue-me! É com ela! É com sua mulher que eu quero falar. Vamos lá a saber, o que foi que a senhora diz que ouviu?
- VELHA - O que? Não percebo? Para que estás tu a fazer-me esses sinais?
- PROCURADOR - Que sinais são esses? Vamos, responde!
- 1ª GUARDA - Responda!
- 2ª GUARDA - Responda!
- VELHO - Não são sinais... Como ela é surda, estava a tentar explicar-lhe... a traduzir por gestos a sua pergunta...
- VELHA - Não preciso que me expliques coisa nenhuma. Eu ouvi perfeitamente a pergunta que este senhor me fez. Como te ouvi, há bocado, prometer-me que lhe dirias hoje tudo, quando ele aqui entrasse.
- PROCURADOR - Ora cá estamos! Tudo o que?
- VELHO - Não, não é isso... Isto é... Não é o que o senhor julga. É... é o contrário...
- PROCURADOR - O contrário?! Mas o contrário de que?!
- VELHO - É muito simples... A minha mulher umas vezes não ouve nada, e outras vezes ouve exactamente o contrário daquilo





- que lhe dizem
- PROCURADOR -Hã?!
- VELHO -Sim... Eu explico. Se alguém lhe diz, por exemplo, está a chover, ela percebe que está sol. Se lhe dizem que a vida está mais barata, ela entende que está mais cara. E assim por diante. Compreende agora? Por isso, se ela ouviu que eu ia dizer tudo, foi porque eu disse que não ia dizer nada. Nada mais simples, como vê!
- PROCURADOR -Quer dizer, se ela disse que o senhor disse foi porque não disse...
- VELHO -Exatamente! E se tivesse dito que eu não tinha dito que eu não tinha dito é porque tinha dito. Estamos entendidos!
- VELHA -Não disseste? Então para que era tua farda de almirante e a tua espada de acadêmico?
- VELHO -Bem sabes que está enferrujada, já não serve!
- VELHA -E as calças, as calças de fantasia de diretor-geral?
- PROCURADOR -As calças de fantasia também?! Para que eram então as calças? Vamos, diga!
- 1º GUARDA - Diga!
- 2º GUARDA + Diga!
- VELHO +Para... Para... Para saudar o "Presidenciável", que nos concede a grande, a imensa, a imerecida honra de nos visitar!
- 1º GUARDA -Viva o "Presidenciável"!
- O VELHO E OS DOIS GUARDAS - Viva!
- VELHA -Ah! O "Presidenciável" vem cá hoje? E tu sabias? Não me tinhas dito nada... Mas ainda melhor. Aproveitas e dizes-lhe diretamente a ele.
- PROCURADOR -Outra vez! Mas dizer o que, senhora?!
- VELHO -Nada!
- VELHA -Tudo! Tudo o que ele anda há uma porção de anos para lhe dizer mas nunca teve coragem. Que chove aqui dentro, mais do que na rua. Que os tetos e as paredes estão a cair de podres, que as janelas não tem vidros, que esta casa está em ruínas...
- VELHO -Cala-te! Cala-te! Não faça caso, não ligue... É da idade... Confunde tudo, mistura tudo... Eu até disse que esta casa era um palácio, uma catedral, um templo! Cala-te não ouves?
- PROCURADOR -Pelo contrário. Deixe-a continuar. Estou a gostar imenso de a ouvir... Nem o senhor imagina... E que mais? Faça o favor de continuar...



VELHA

-Que estamos condenados a morrer aqui dentro, a morrer entre coisas mortas que invadem tudo, que nos cercam por todos os lados, que nos perseguem com o seu cheiro pestilento, e que mancham as paredes, que minam os alicerces, que hão de acabar por destruir esta casa e sepultar-nos sob os escombros!

PROCURADOR - Era então isto o que tinha para dizer? Responda!

1º GUARDA - Responda!

2º GUARDA - Responda!

VELHO - Eu... Era... Isto é, não era... Ou por outra... Tudo isto é por tua causa... Abres a boca e dizes a primeira coisa que te passa pela cabeça... Devias ao menos lembrar-te que eu fui acadêmico, almirante, e até diretor-geral! (Ao procurador) Se me der licença, eu... eu explico...

PROCURADOR - Basta! Não explica coisa alguma nenhuma! Está tudo mais do que explicado! Traidores! Vendidos! Inimigos da ordem! Agentes a soldo do estrangeiro! Bolchevistas! Ah, mas ainda bem que lhes descobrimos o jogo a tempo!...

VELHO -Almirante... general... acadêmico...

1º GUARDA -Silêncio!

VELHO -...Um filino morto pela pátria...

2º GUARDA -Silêncio, traidor!

PROCURADOR -Mal sabíamos nós, ao entrar aqui, que penetrávamos num covil de sabotadores, num antro de terroristas! Será possível que os nossos serviços de informação, sempre tão diligentes, não se tenham apercebido...?(Para os guardas) A lista dos inquilinos suspeitos, depressa! Rés do chão esquerdo... Primeiro andar esquerdo... Terceiro esquerdo e direito... É curioso: Antes só havia suspeitos do lado esquerdo, agora já os há de ambos os lados... Quarto, quinto, sexto, sétimo, oitavo, nono, décimo... Ah, cá está: sótão direito. Direito! Há cinco anos, reclamação ao porteiro por causa de uma avaria nos canos da água... Há quatro anos, nova reclamação por causa do ascensor que não funcionava... Há dois anos... De há cinco anos para cá, sistematicamente, uma reclamação por ano! E todas elas por motivos fúteis, pretextos insignificantes, absurdos... Mas é assim que se começa. Era o germe da indisciplina, da subversão, da revolta!

1º GUARDA -Abaixo os traidores!

2º GUARDA -Abaixo!



- VELHO -Perdão... Há aqui um mal entendido... Um grande mal entendido... Lembrem-se de eu fui general, acadêmico, almirante..
- VELHA -E diretor geral! Diz que também fostes diretor geral. De todas as fardas, era a que lhe ficava melhor. Quando nos conhecemos, trazia-a vestida. Não me desmintas como há bo-cado: eu tenho a certeza!
- 1º GUARDA -Silêncio!
- PROCURADOR -E pensar eu... Meu Deus! - Sim pensar eu que o "Presiden-ciável" podia ter entrado a tempo de ouvir essas abomináveis palavras!...
- 2º GUARDA -Traição!
- 1º GUARDA -Miserável traição!
- PROCURADOR -Ah, que imensa tristeza, que profunda mágoa não seriam as suas, se por fatalidade as tivesse ouvido pronunciar! Tamanna ingratidão, tamanna maldade, como o deixariam infelizes! Ele, que não se poupa a esforços para satisfazer os legítimos desejos dos seus inquilinos! Que vive numa casa modesta sem luxo nem grandeza, ele que poderia ter tudo! Para que nada lhes faltasse! Que a todo o instante se sacrifica por eles que lhes fez a dádiva magnífica e generosa de si próprio, de todas as suas horas, de toda a sua vida! Que feio, que hediondo pecado é a ingratidão! Pior do que pecado: crime, crime imperdoável! "O Presidenciável" não merecia que o tratassem assim!
- 1º GUARDA -Morte, morte aos traidores!
- 2º GUARDA -Morte aos traidores!
- PROCURADOR -Como eu compreendo a vossa justa cólera, meus amigos, o vosso instintivo movimento de repulsa! Que alma bem formada poderia ficar indiferente perante uma tão monstruosa ingratidão?! Deixai, deixai falar os vossos corações!...
- OS DOIS GUARDAS -Viva "o Presidenciável"! (Disparam com metralhadoras sobre os velhos)
- PROCURADOR -Cumpristes o vosso dever. Não me esquecerei de recomendar, no meu próximo relatório, a vossa promoção por méritos especiais. Sois dignos da nobre causa que servis!...
- OS GUARDAS -Que servimos!
- VELHO -Que servis! (Morre)





22a. CENA

ALICE - A brasa queimando no escuro, porra, ele veio vagando no meio da noite, pirado. Os passos, os passos seguindo a dama louca, linda, de São Chico de Paula até Porto Alegre, pirado, guiado pela dama misteriosa. A brasa queimando no escuro do quarto, o cheiro, o cheiro doce se insinuando pra dentro do leito sagrado da família. Escândalo. Abrir o guarda-chuva dentro de casa pode causar a morte dos parentes. Olhar para os dois lados antes de a travessar a rua. Comer melancia com leite dá congestão. O casaco, não esquece o casaco. Andar de costas pode provocar a morte do pai e da mãe. Holofote. Corte. A luz forte em cima da gente, como num interrogatório. A lampada. O analista. Os livros rigorosamente nos seus lugares. A mesa preta, enorme, a salidão!

Havia um grande cogumelo perto dela, mais ou menos da sua altura; e depois de olhar embaixo dele, em ambos os lados e atrás, ocorreu-lhe a idéia de que podia olhar em cima para ver se havia alguma coisa. Pôs-se na ponta dos pés e olhou para o alto do cogumelo. Os seus olhos caíram bem em cima de uma grande lagarta azul, sentada sobre o aogumelo, com os braços cruzados, fumando tranquilamente um comprido cachimbo turco, sem prestar a menor atenção a ela ou a qualquer outra coisa. A lagarta e Alice olharam-se por algum tempo em silêncio. Finalmente, a lagarta tirou o narguilé da boca e perguntou, em voz lânguida e sonolenta: Quem é você? Não era um começo de conversa muito animador. Um pouco tímida, Alice respondeu - Eu... eu... nem eu mesmo sei, senhora, nesse momento... eu... enfim, sei quem eu era, quando me levantei hoje de manhã, mas acho que já me transformei várias vezes desde então.

23a. CENA

POLICIAL - Obrigado, senhor presidente. Obrigado, senhores juizes. Eu sempre acreditei na justiça do meu país. <sup>Apesar de</sup> cumprir ordens. As ordens são para se cumprir. <sup>A lei é</sup> a lei.



24a. CENA

PROCURADOR - E, agora, afastem daqui este lixo. O presidenciável deve chegar de um momento para o outro. Temos de pou-pá-lo a este espetáculo degradante.

1º GUARDA - Indecoroso.

2º GUARDA - Deplorável

1º GUARDA - Onde é que os pomos?

PROCURADOR - No armário, evidentemente. É para isso que ele está aí. Mas depressa! Demasiado tarde. O presidenciável aproxima-se.

1º GUARDA - Vem subindo a escada.

2º GUARDA - Já está no andar de baixo.

1º GUARDA - Mais um lance de escadas.

2º GUARDA - Cinco degraus.

1º GUARDA - Quatro degraus.

2º GUARDA - Tres degraus.

1º GUARDA - Dois degraus.

2º GUARDA - Chegou ao patamar.

1º GUARDA - Vai entrar.

2º GUARDA - Vai entrar.

1º GUARDA - Viva o presidenciável.

2º GUARDA - Viva o presidenciável!

DOIS GUARDAS - Viva! Viva! Viva!



25a. CENA

PRESIDENCIÁVEL - Obrigado, muito obrigado, meus amigos... A vossa espontânea manifestação me enche de alegria, inunda de calor e ternura este pobre coração já fatigado... E embora eu nunca haja procurado o fácil e precário aplauso das multidões, a sinceridade desta homenagem tão expressiva quanto inesperada como ve-me profundamente, pois sei que ela irrompe das vossas almas generosas. Sinto-me recompensado das minhas longas vigílias, das noites de insónia, dos sacrifícios que... Os inquilinos? Onde estão? Porque não se encontram aqui a saudar-me, como é seu dever? Hã? Respondam!

PROCURADOR - Excelência... Os inquilinos...

PRESIDENCIÁVEL - Não os preveniram da minha visita? Ah, se é isso, o senhor chefe dos serviços de propaganda terá de prestar contas da sua imperdoável negligência.



PROCURADOR - Não, excelência... Não foi isso... todos os inquilinos foram avisados...

PRESIDENCIÁVEL- Então onde é que estão os inquilinos deste andar?

PROCURADOR - Estão... ali.

PRESIDENCIÁVEL- Ali? É aquilo?! Mas... mas estão...

PROCURADOR - Mortos, sim, excelência... Completamente mortos! Definitivamente mortos!

PRESIDENCIÁVEL- Mortos?!

PROCURADOR - De emoção, excelência! De pura, inefável, irresistível emoção! Ao receberem a notícia... Ao ser-lhes comunicado que o presidenciável, na sua infinita bondade, na sua generosidade sem limites, se dignava, condescendia em visitá-los na sua humilde mas honrada casa...Matou-os a emoção! A alegria de verem, de ouvirem, de falarem com o presidenciável! Foi mais forte do que eles. Não puderam resistir. Parece-me que ainda tenho nos ouvidos as suas últimas palavras antes de sucumbirem: Viva o presidenciável!

DOIS GUARDAS - Viva!

PRESIDENCIÁVEL- Condecorem-nos. A título póstumo. Por serviços prestados à Nossa Nobre Causa. Espere. Pagaram a renda?

PROCURADOR - A...a... a renda?

PRESIDENCIÁVEL- Sim, homem! Se tinham a renda em dia?

PROCURADOR - N...não, excelência... Não tiveram tempo...Morreram antes de a pagar...

PRESIDENCIÁVEL- Eu logo vi. Súcia de caloteiros! Preferem morrer a pagar a renda. E eu a sacrificar-me por eles, a passar noites em claro, acabando com a minha saúde...

1º GUARDA - Viva o presidenciável!

2º GUARDA - Viva!

PRESIDENCIÁVEL- Silêncio. Nada de condecorações. Joguem-nos fora. Lixo. Lixo com eles. Para dentro do armário. Imediatamente. Há muito tempo que já deviam estar lá. É claro que todos os seus bens serão confiscados...

PROCURADOR - Decerto, excelência.

PRESIDENCIÁVEL- Os seus nomes banidos da lista histórica de inquilinos.

PROCURADOR - Sim, excelência.

PRESIDENCIÁVEL- E agora é preciso alugar este sótão quanto antes. Não posso perder outro mês de renda.

PROCURADOR - Não faltam pretendentes, excelência.

PRESIDENCIÁVEL- Quero ver a lista ainda hoje. Mas que venha bem infor



PROCURADOR

mada. É indispensável que os novos inquilinos dêem todas as garantias de fidelidade e devoção à Causa.  
- Fá-los-emos assinar o compromisso de honra, excelência.

PRESIDENCIÁVEL

- Não basta. Quero saber tudo a seu respeito. Absolutamente tudo. Todos os antecedentes fisiológicos, psicológicos, patológicos e ideológicos. É uma radiografia do subconsciente. Que não esqueça. De futuro, não admitirei novos inquilinos sem a radiografia do subconsciente.

PROCURADOR

- Sim, excelência. Tomarei nota.

PRESIDENCIÁVEL

- Só é digno da casa quem for digno da Causa. Fixem esta máxima.

1ª GUARDA

- Viva o presiden...

PRESIDENCIÁVEL

- Não é apenas uma casa, é uma causa que eu defendo! Sólida, firme, inabalável. Já não se constroem hoje, por esse mundo afora, casas como esta. Mais uma razão para a defendermos contra tudo e contra todos, até o limite do impossível. Porque nós, pobres mortais que somos, um dia havemos de desaparecer - mas a casa, essa, continuará pelos tempos afora, como um símbolo, um farol, a iluminar o triste e conturbado mundo que nos rodeia! Ah, quando há longos anos eu comecei a minha vida pública - era então um modesto homem de negócios, não me envergonho de confessar - já sonhava, secretamente, com uma casa assim... Mas não era a ânsia mesquinha de obter lucros que me animava: podem acreditar. No meu espírito insatisfeito, a casa erguia-se como um templo destinado à salvaguarda intransigente dos valores fundamentais. Um teto debaixo do qual os homens pudessem se abrigar da chuva e da tempestade, do vento, do longo inverno... Um templo contra o mau tempo... Até que um dia abençoado entre todos, quis a divina providência, que eu nunca deixei de implorar, me recompensar das privações sofridas, me dando a oportunidade de ajudar a construir esta casa. E a construí com devoção com amor, pedra sobre pedra, desde os alicerces até ao telhado. Em cada tijolo, em cada telha, é um pedaço da minha alma, é pouquinho da minha carne, que ficaram agarrados a estas paredes, a este teto... É nada disto é para mim. Modesto nasci, modesto sem





pre tenho vivido, modesto quero permanecer até ao fim dos meus dias. Foi para os outros, foi para vocês que eu edifiquei esta casa. Para todos aqueles que não tinham um lar, o sagrado calor de um lar, que os pusesse abrigados da inveja, das lutas, das traições do mundo, deste mundo desvaibrado e materialista que está preparando inconscientemente a sua própria destruição! Um teto! Quatro paredes! Um porto seguro para os deserdados, um ilha de paz no meio do oceano enfurecido em que as ondas são as paixões dos homens, desencadeadas por agitadores sem escrúpulos! Sim, meus amigos, a nossa casa é o nosso verdadeiro mundo! Que importam os ataques, as incompreensões, os ódios, as invejas dos outros, se temos a nossa casa! Que importa estarmos sozinhos! Nos orgulhamos de estar sozinhos. Se nos mantivermos unidos, como até aqui, defenderemos a casa de todos os assaltos que os nossos inimigos se atrevam a lançar contra ela. Sacrifiquei toda a minha vida para dar a vocês esta felicidade sem para, esta segurança, este conforto... Longas vigílias, intermináveis noites de insônia, os cabelos que me embranqueceram... Tudo, tudo para que não vos faltasse uma casa! Mas não quero que me agradeçam. Foi para vocês que eu fiz tudo isso. Por vocês. Unicamente por vocês. É por isso que eu digo: a nossa causa é esta casa. Quem não é pela casa é contra a causa. Tudo pela casa, nada contra a Causa. Tudo pela Causa, nada contra a casa. Sacanas, ficaram devendo um mês de renda!

26a. CENA

MUTILADO ENTRA NUM CARRINHO E ABRE UMA FAIXA ONDE SE LÊ: SEJAM OTIMISTAS!

F I M

